

Credores querem 20% dos juros para negociar

Foto AFP

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros credores pediram formalmente ao Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, durante conferência no Conselho das Américas, que o Brasil pague 20% dos juros em atraso (o que corresponderia a cerca de US\$ 340 milhões, no momento) como sinal para início das negociações com os bancos credores internacionais em setembro.

A proposta foi apresentada pela cúpula do comitê credor composta por William "Bill" Rhodes, do Citibank, e os vice-coordenadores do comitê Alan Drury, do Lloyd's Bank e Leighton Coleman, do Morgan Guaranty Trust. O Ministro respondeu aos banqueiros dizendo que irá avaliar a situação das reservas cambiais brasileiras antes das negociações começaram em setembro.

O dia do Ministro começou com um café da manhã de trabalho reunindo os presidentes dos maiores bancos dos Estados Unidos. Mas não compareceram o Presidente do Citibank, John Reed, em viagem à Europa (como membro do Conselho Diretor da General Electric, que recentemente vendeu sua divisão de eletrodomésticos para a Thomson na França), e o Presidente do Morgan Guaranty Trust, quinto maior credor do Brasil, Preston Lewis. Bresser Também participou de uma reunião do Conselho das Américas, presidida pelo banqueiro David Rockefeller, para fazer uma exposição sobre a nova política econômica do Brasil.

Os banqueiros não exigiram a presença do FMI para o início das negociações e teriam aceito a proposta de Bresser, de que o Brasil iria ao Fundo depois que de acertar um acordo com os bancos. Mas para um sinal positivo eles querem um pagamento de 20% dos juros.

Estiverem presentes ao café da manhã os Presidentes do BankAmerica, Alden Clausen, do Manufacturers Hannover, John McGilli Cuddy, do Chemical Bank, Walter Shipley, do Bankers Trust, Charles Sanford e do Chase Manhattan Bank, Willard



O Ministro Bresser Pereira ouviu o discurso de Rockefeller no Conselho das Américas

C. Butcher. Clausen foi o único que falou depois do encontro.

— O encontro foi proveitoso. Conversamos sobre o plano econômico brasileiro e estamos otimistas de que uma negociação será iniciada no futuro, disse Clausen.

O Ministro Bresser Pereira saiu da reunião com os banqueiros muito otimista:

— Vim pedir US\$ 7,4 bilhões aos bancos comerciais para este ano e 1988 e não vou antes ao Fundo. Não acho esta posição um problema. Depois de acertar um acordo com os bancos, aí é que irei ao Fundo Monetário Internacional. Os bancos não estão insistindo de maneira alguma que primeiro se vá ao Fundo para se fechar um acordo. Falamos de nossos planos e eles foram bem recebidos pelos banqueiros até a conversão da dívida em capital de risco, disse o Ministro logo após o encontro no Hotel Intercontinental.

O Embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, também participou do encontro e

deu sua impressão.

— Não houve imposição alguma para o Brasil ir ao Fundo. Falou-se em dinheiro novo. E os banqueiros quiseram saber quem vai entrar com quanto. Se eles vão entrar com mais do que as entidades oficiais e quando. Está se falando num acordo sem o Fundo, disse o Embaixador ao GLOBO.

Do lado brasileiro estavam presentes também ao café da manhã o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o negociador oficial da dívida externa brasileira, Fernão Bracher.

Mas a tática de Bresser de ir primeiro aos bancos e depois ao Fundo não está sendo bem entendida pelos banqueiros. Segundo uma fonte bancária, a idéia de Bresser de "separar bancos do FMI pode ser boa por causa da situação política brasileira, mas será muito difícil dentro de uma negociação". Os banqueiros lembram que em 1985 tentou-se fazer algo

semelhante com a fase 3 da dívida externa brasileira. Naquela época o

principal de 1985 foi reescalado e o de 1986 depositado no Banco Central, mas que mesmo assim o então Presidente do Banco Central (Affonso Celso Pastore) não conseguiu fechar o acordo, pois não houve aval do FMI. Os banqueiros lembram que a situação é bem diferente atualmente com a perda de credibilidade do Brasil no exterior depois da moratória.

Os banqueiros notam também que Bresser está mudando sua posição sobre o FMI. "Ele assim que assumiu a pasta da

Fazenda disse que ia ao Fundo. Depois deve ter sido pressionado politicamente e voltou atrás, saindo do Brasil dizendo que o Brasil não vai ao FMI e agora está aqui dizendo, que vai ao FMI depois que acertar com os bancos. Não vai ser fácil convencer os banqueiros do mundo inteiro o que Bresser estará pensando em setembro", disse a fonte.

O "Wall Street Journal", em sua edição de ontem, comenta na primeira página que "o Brasil ainda não respondeu às perguntas dos bancos, que querem saber quando o Brasil vai voltar a pagar juros". O jornal, citando fontes bancárias, nota que "o Plano Macroeconômico se assemelha muito ao Plano Cruzado e que isso foi dito ao Presidente do Banco Central, Fernando Milliet". Os banqueiros citados pelo jornal também criticam o Presidente do Banco Central "como sendo uma figura morta nas negociações, já que não tem opinião e não assume nada, inclusive se recusando a responder uma série de perguntas feitas a ele na reunião de quarta-feira."